

“FRUTOS DO COMBATE PELA PAZ: OS PRIMEIROS ROMANCES DE MIA COUTO”

Lisângela Daniele Peruzzo¹

RESUMO:

A presente comunicação buscará analisar a evolução da representação literária da nação moçambicana através do estudo dos três primeiros romances de Mia Couto. Nossa perspectiva admite a linha de Benedict Anderson (1983) a qual define nação como uma comunidade política imaginada, mantida entre outros fatores pelas tradições e modos de relacionamento com o universo interno e externo a ela.

Trabalharemos contemplando as relações entre literatura e sociedade, na senda de Antonio Candido (2006), bem como a questão das identidades múltiplas que tomam corpo em Moçambique, principalmente, no período pós-independência.

Para nós, esses romances são fundamentais para o entendimento do período inicial da nação moçambicana e também para a compreensão do que é “ser moçambicano” em um contexto no qual não se deve descartar o passado para o entendimento do presente e a construção do futuro.

PALAVRAS-CHAVE:

Moçambique; Mia Couto; guerra; nação; romance.

Walter Benjamin, no clássico *Magia e técnica, arte e política*, mostra que quando a experiência coletiva se perde, quando a tradição comum já não oferece nenhuma base segura, outras formas narrativas tornam-se predominante importantes, como é o caso do romance. Este tem a necessidade de encontrar uma explicação para o acontecimento, real ou ficcional, partindo da procura do sentido da vida, da morte, da história.

De um ponto de vista mais formal, encontramos em Mikhail Bakhtin (1988) a idéia de que o romance, por ser uma forma aberta, mutável, presta-se melhor às necessidades estilístico-formais de escritores que navegam em mundos plurais.

¹ PERUZZO, Lisângela. USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. E-mail: liperuzzo@uol.com.br

A partir dessas indicações entramos no universo literário africano para delimitarmos o corpus do trabalho que ora se apresenta, os romances iniciais do escritor moçambicano Mia Couto.

O nosso interesse inicial é verificar como esses trabalhos, *Terra sonâmbula* (1992), *A varanda do frangipani* (1996) e *Vinte e Zinco* (1999), articulam-se tematicamente na formação do que podemos chamar de representação literária da nação moçambicana, ou seja, como essas três obras constituem um elemento através do qual podemos reconhecer uma certa moçambicanidade, que estaria presente nos trabalhos de Couto do pós-guerra. Não devemos deixar de associar o que mostra Benedict Anderson (1983) a esse momento literário de Moçambique - “os movimentos independentistas nas Américas tornaram-se “conceitos”, “modelos” e até “projectos” assim que foram sendo objeto da impressão.” (p.117). Assim, em África, onde vários projetos de independência e de nação foram construídos graças a meios como, primordialmente, o jornal e, posteriormente, o livro, a reconstrução do país e a construção/solidificação do que Anderson denomina “comunidade imaginada” faz-se sobremaneira através da relação entre a literatura e a sociedade, relação esta que participa diretamente da (re) construção da sociedade moçambicana.

Em nossa visão, os três romances escolhidos guardam entre si uma similaridade temática – são movidos pela guerra, enquanto elemento que articula o plano estético e a referência ao elemento sócio-histórico, propriamente dito.

Assim, torna-se imprescindível, para essa análise, a noção proposta por Claudio Guillén (1985) de tema estruturador que seria aquele que organiza e preside os demais temas na narrativa ficcional.

A guerra é, para nós, um tema que estrutura as obras iniciais de Mia Couto, e deve ser analisada, sobretudo, nos romances, pois estes, como já dissemos, têm o poder de articular mundos e ser porosos o bastante para permitir a “novidade” de um universo que não é exatamente o que o concebeu, ou seja, o ocidente, mas um universo distinto, com suas próprias peculiaridades, como a África.

Terra sonâmbula

O primeiro romance de Mia Couto é um exemplo marcante da maleabilidade da forma romanesca. Sendo esta um gênero ocidental por excelência, pôde ser trabalhada de maneira a deixar claras peculiaridades da literatura e da sociedade moçambicana do início da década de 1990. O autor, aqui, profundamente marcado pelo momento histórico-social em que vive, trabalha com uma concepção literária capaz de traduzir melhor o mundo, quanto melhor for a sua organização artística. Como bem afirma Antonio Candido em vários ensaios sobre as relações entre literatura e comprometimento social, essa postura é fundamental para a construção de obras de valor para o sistema literário local.

Sendo a guerra, como já dissemos, o tema que estrutura a narrativa de *Terra sonâmbula* e o proponente de uma duplicidade, ou seja, “não existe guerra com apenas um combatente”, verificamos que a sua utilização no romance conforma, segundo a visada de Guillén, vários aspectos da obra colocando sempre o caráter da duplicidade em evidência. Assim, teremos sempre dois pontos, que ora se completam e ora se opõem, na composição do romance, como é o caso do idoso e da criança, do homem e da mulher, de pai e do filho, do passado e do presente, da terra e da água, da realidade e da fantasia, da escrita e da oralidade, da tradição e da modernidade, entre outros.

Assim, utilizaremos nestes breves apontamentos alguns desses pares a partir da desestabilização provocada pela guerra.

A literatura de Mia Couto, embora tenha seu contraponto real em um universo em ruínas, trabalha para a edificação do sonho e para lançar as bases de um devir. O autor parece partir da idéia de que sem o conhecimento do passado, o entendimento do presente, não poderá haver a fruição do futuro. Assim sendo, mesmo não fechando os olhos para a dura realidade de seu país, Couto consegue fazer com que suas obras sejam preenchidas por um lirismo, o que suaviza o produto de seu trabalho, sem que ele deixe de ser um instrumento para a denúncia de situações reais de Moçambique.

Então, a memória torna-se algo fundamental nas obras de Mia Couto, pois ela é que nos dá a conhecer o passado. No caso de sociedades em que a empreitada colonial foi tão dura quanto em Moçambique, ocorreu também uma força de apagamento do passado da sociedade para a implantação de novos padrões mais afeitos aos do colonizador. Aos colonizados restou apenas a resistência através de suas tradições e padrões comportamentais. A luta era desigual, uma vez que fazia parte do projeto colonizador acabar com a auto-estima do povo, desmerecendo sua cultura e seus costumes mais cotidianos.

Assim, ao estabelecer em *Terra sonâmbula* o jogo entre passado e futuro, muitas vezes expressos nos diálogos entre o velho Tuahir e o jovem Muidinga e também entre Kindzu e Farida, o autor busca contextualizar como o passado é importante para a formação de um futuro. Embora a guerra marque a desesperança no futuro, se o passado anterior aos conflitos for a todo momento revisitado, haverá forças para manter a crença em dias mais amenos.

Um aspecto que coloca em contato nas sociedades africanas atuais o passado e o presente é a questão da oralidade e da escrita, portanto desta forma vemos nesse romance a materialização de um elemento social na ficção.

As sociedades africanas tradicionais mantinham-se, sobretudo, através da oralidade. Seus costumes, suas crenças, suas narrativas, tudo isso era facilmente transmitido através de um imbricado sistema de transmissão oral de conhecimento. Com a chegada do colonizador inicia-se uma forte atitude de desmerecimento desse tipo de cultura. A escrita insere-se no mundo africano como um elemento do outro do qual os povos locais nunca teriam pleno domínio. Era uma tentativa de demarcar as diferenças, ressaltando aspectos culturais do colonizador e denegrindo a cultura local.

Dessa forma, Mia verificou que para a inserção do moçambicano no mundo atual, era necessário que ele ultrapassasse a barreira entre escrita e oralidade e passasse a encarar as duas manifestações lingüísticas como comuns e favoráveis a ele.

Não parece estranho então que o primeiro romance do poeta de *Raiz de Orvalho* traga em seu âmago essas reflexões. A narrativa central, a de Muidinga e Tuahir, trabalha com o universo do oral, mas é entrecortada pela narrativa secundária dos “cadernos de Kindzu” que, como o próprio nome diz, fazem parte do mundo da escrita. Curioso é perceber como são feitos os jogos entre esses dois universos, de forma que nenhum dos dois apresente uma supremacia sobre o outro. Os cadernos chegam a Tuahir pela pelo discurso oral de Muidinga e o que é escrito neles só é possível pela interação entre seu protagonista, Kindzu, com o mundo da oralidade. Ou seja, ele escreve conversas que teve com várias pessoas em várias situações distintas, sendo a mais primordial a que tem com Farida no navio encalhado. Vale lembrar que em um plano ou em outro o tema principal ou secundário é sempre a guerra. É ela que une os

dois grupos de personagens através da morte de Kindzu, permitindo que os dois universos se encontrem e se completem.

As palavras de Kindzu emergem da morte e fecundam a vida de Muidinga e Tuahir, o que é bem metaforizado no final da obra

Vacilo, vencido por súbito desfalecimento. Me apetece deitar, me anichar na terra morna. Deixo cair ali a mala onde trago os cadernos. Uma voz interior me pede para que não pare. É a voz de meu pai que me dá força. Venço o torpor e prossigo ao longo da estrada. Mais adiante segue um miúdo com passo lento. Nas suas mãos estão papéis que me parecem familiares. Me aproximo e, com sobressalto, confirmo: são os meus cadernos. Então, com o peito sufocado, chamo: Gaspar! E o menino estremece como se nascesse por uma segunda vez. De sua mão tombam os cadernos. Movidas por um vento que nascia não do ar mas do próprio chão, as folhas se espalham pela estrada. Então as letras, uma por uma, se vão convertendo em grãos de areia e, aos poucos, todos meus escritos se vão transformando em páginas de terra. (p.245)

A varanda do frangipani

O segundo romance de Mia Couto não nos mostra a guerra em seu aspecto mais nítido como o primeiro, que nos conduziu às veredas sonâmbulas de uma terra destruída. O tempo não é mais o de batalha, mas de outra luta, aprender a se encontrar depois de tantos anos de dominações e de disputas internas sangrentas. No entanto, a violência dos tempos de guerra continua presente na lembrança das pessoas.

Entramos em um universo de memória, no qual o real e o irreal abraçam-se e constroem um jogo de verdades e mentiras que se espalha pelas diversas vozes da narrativa, como as do velho-criança Navaia, da velha-feiticeira Nãozinha, do velho-português Domingos Mourão, do velho-apaixonado Nhonhoso, da enfermeira Marta e da viúva Ernestina.

Pode-se dizer que este segundo livro guarda semelhanças com o primeiro, além da temática, também na forma. Se *Terra sonâmbula* trazia como uma de suas partes constitutivas o “diário” de um vivo que recém entrara na morte, aqui temos uma espécie de “diário” de um morto que acaba de retornar à vida. O morto enterrado os pés de um frangipani, Ermelindo Mucanga, deve voltar a habitar a vida através do corpo do investigador Izidine Naíta que chegaria ao local para apurar o assassinato de Vasto Excelêncio, “um mulato que foi responsável pelo asilo de velhos de São Nicolau”.

Izidine tinha um plano: entrevistaria, em cada noite, um dos velhos sobreviventes. De dia procederia a investigações no terreno. Depois de jantar, se sentaria junto à fogueira a escutar o testemunho de cada um. Na manhã seguinte, anotaria tudo o que escutara na anterior noite. Assim surgiu um pequeno livro de notas, este caderno com a letra do inspector fixando as falas dos mais velhos e que eu agora levo comigo para o fundo da minha sepultura. O livrinho apodrecerá com os meus restos. Os bichos se alimentarão dessas vozes antigas. (pp.25-26)

Percebemos pelo trecho acima que há uma força de continuidade entre os romances. Se a última página de *Terra sonâmbula* fala sobre a escrita que se mistura à terra, o segundo capítulo de *A varanda do frangipani* nos mostra uma cena similar. Os relatos ganharão concretude, matéria e assim passarão a fertilizar a terra, ao serem enterrados com o narrador.

Nos relatos fertilizadores dos velhos vão transparecendo vários assuntos como a guerra colonial, a guerra civil, o abandono, a solidão, a saudade do passado, etc, temas muito comuns na jovem nação moçambicana.

Atenção especial deve ser dada à metáfora central do asilo de velhos incomunicável, a qual mostra que o passado de Moçambique ficou muito tempo sem poder ser visitado devido à guerra. Outro aspecto que deve ser notado, mais uma vez a guerra havia desestruturado o universo tradicional do país - os idosos, guardiões da memória, agora são seres desacreditados, tomados por insanos, devido às mazelas que

sofreram. Afinal é difícil acreditar que fosse possível manter a lucidez nas condições deploráveis em que viviam os velhos dali.

Vinte e zinco

Se fossemos traçar uma linha temporal com os acontecimentos narrados nos primeiros romances de Mia Couto, este deveria ser o primeiro, seguido por *Terra Sonâmbula* e, por fim, *A varanda do frangipani*. Assim, percebemos que muitos temas que aparecem de forma subjacente nos primeiros romances são de certa forma esclarecidos por esse terceiro texto.

Na esteira do que propõe Homi Bhabha (1998), o terceiro romance de Mia Couto traz à tona os processos que são produzidos na articulação das diferenças culturais. Em *Vinte e Zinco* o autor desconstrói a realidade colonial linguisticamente, denunciando-a tematicamente.

Apesar de esse livro fugir à temática da guerra, Mia Couto aproveita o fato de o romance ter sido encomendado a ele pela Editorial Caminho para as comemorações dos 25 anos do 25 de abril e mostra como o espírito colonial de agressão, tortura e humilhação deixaram profundas marcas na principiante nação. Nesse sentido, o estado de exceção descrito nessa obra, e que se dá também na guerra, nos remete ao clima de incerteza e violência que percorrem os três romances, como nos mostra a epígrafe do livro: “O Homem nunca é cruel e injusto com impunidade”.

Por outro lado, devir da independência desejada é trabalhado aqui sob o ponto de vista dos marginalizados, daqueles que vivem a constante guerra contra o etnocentrismo, mostrando, como nos outros dois romances, que um futuro pleno é algo que não abandona os anseios da jovem nação.

Este romance tem a intenção de trazer o passado ao presente e lançá-lo ao futuro – a identidade moçambicana a imergir da necessidade de esquecer os terrores guerra e os maus momentos do colonialismo. Opressão e liberdade são temas recorrentes e que se polarizam nas figuras do PIDE Lourenço de Castro, da feiticeira Jessumina e na visão do cego Andaré.

A forma do romance assemelha-se ao diário, embora em terceira pessoa, como já encontramos nos cadernos de Kindzu, em *Terra sonâmbula* e em *A varanda do frangipani*. Acompanharemos dia a dia, de 19 a 29 de abril, o percurso imediatamente anterior e posterior ao 25 de abril português. O autor procura deixar claro que esse não é ainda um marco para o povo moçambicano, mas acirra a vontade de ter, em um futuro próximo, sua liberdade (que só viria em 25 de junho de 1975). É o que nos mostra a antológica fala da adivinhadora Jessumina - “Vinte e cinco é para vocês que vivem nos bairros de cimento. Para nós, negros pobres que vivemos na madeira e zinco, o nosso dia ainda está por vir.”

Ao narrar os temores do PIDE Lourenço de Castro, o autor trabalha um engenhoso jogo que se alimenta de passado para frutificar o futuro, tornando a obra, que é aparentemente desconexa do projeto literário do autor, um importante elemento articulador entre passado, presente e futuro.

Considerações finais

Percebemos, após esses breves apontamentos, que a guerra é algo tão profuso e que causa tantas destruições que é como se o autor não pudesse dar conta de todos os seus aspectos em um único romance. Sendo assim, propomos encarar esses romances como um “romance seqüência” ou “rio-romance” (Roman-fleuve). Flora Süssekind

(1984) ao comentar o romance de trinta no Brasil define esse tipo de narrativa e apresenta duas de suas características que nos interessam, a continuidade temática e a profunda relação com as ciências sociais: “Um romance apenas parece não bastar e se desdobra em outros que o continuam e repetem (...)proliferam os ciclos e as analogias entre a linguagem literária e as ciências sociais.” (p.150)

Como a formação do imaginário da nação moçambicana pós-independência não pode prescindir seu passado de violência e guerra, vemos nos três primeiros romances de Mia Couto “os frutos do combate pela paz”.

Referências bibliográficas

1. ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas*. Lisboa: Edições 70, 1983
2. BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética*. São Paulo: Unesp, 1988.
3. BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
4. BHABHA, H. *Location of culture*. Florence: Routledge, 1998
5. CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
6. COUTO, M. *Terra sonâmbula*. Lisboa: Caminho, 1992.
7. _____. *A varanda do frangipani*. Lisboa: Caminho, 1996.
8. _____. *Vinte e zinco*. Lisboa: Caminho, 1999.
9. GUILLÉN, C. *Entre lo uno y lo diverso*. Barcelona: Editorial Critica, 1985.
10. SÜSSEKIND, F. *Tal Brasil, qual romance?*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.